

Cinema-documentário segundo Vladimir

Há dois anos longe do cine Brasília, o professor e cineasta Vladimir Carvalho volta à tela com uma mostra de seis filmes. Começa hoje

Cesar Mendes

O cinema-verdade de Vladimir Carvalho volta à tela do Cine Brasília após quase dois anos de ausência - a última vez que um filme de Vladimir foi exibido na sala da Fundação Cultural foi durante o Festival de Cinema de 1988, quando *O País de São Saruê* foi apresentado numa mostra paralela. Esta semana serão exibidos cinco curtas e um longa do documentarista paraibano radicado em Brasília há mais de 20 anos. Vladimir destaca principalmente o longa *O Evangelho Segundo Teotônio*, que para ele não poderia ser exibido em momento mais propício.

"O que me motivou a mostrar o filme de novo é justamente este momento de bravatas e mentiras patrocinadas pelo governo Collor. Teotônio é uma figura tão importante quanto Padre Cícero, Getúlio Vargas e Lampião. É sempre importante ressuscitar sua figura em momentos de crise". A mostra serve também de aperitivo para o maior de todos os projetos já tocados por Vladimir, o filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, que consumiu 15 anos de trabalho e acaba de ficar pronto, devendo ser exibido em breve.

Já inscrito no Festival de Brasília e no de Havana, *Conterrâneos* cobre em imagens um período que vai desde os tempos pioneiros de JK até a primeira eleição direta realizada no Distrito Federal, em 1986. "A idéia do filme surgiu em 1970, quando cheguei em Brasília. Saí em busca de temas que eu poderia filmar por aqui e acabei descobrindo uma enorme identificação com meu trabalho anterior, que retratava a miséria nordestina. Descobri em Brasília o final da grande viagem do povo nordestino, fugindo da seca e da fome".

Vladimir lembra da visita que fez à invasão do Iapi, que hoje não existe mais. "Ouví tantas histórias que vivenciei inconscientemente a grande metáfora dos deserdados da terra, os nordestinos como judeus errantes, sem paradeiro, na terra do faraó JK. Está no filme, por exemplo, a grande mentira dos assentamentos. Entrevistei um camarada que está tentando erguer sua casa e volto, 13 anos depois, para vê-lo ainda com a obra pela metade. Os filhos, que eram crianças, prestando o serviço militar, ele já bem mais envelhecido, e a casa ainda por fazer".

Paraíba - Vladimir começou a se embrenhar no *metier* do cinema no final dos anos

CESAR MENDES



Vladimir: "Um país não se faz com um livro-caixa e uma contabilidade cretina"

DIVULGAÇÃO



Henfil ajudou a terminar o filme *O Evangelho Segundo Teotônio*

de muita expectativa. A Gaumont apostou no filme e o programou no Cine Belas Artes, mas uma matéria publicada na *Folha de S. Paulo* deixou o ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel de orelha em pé. Resultado: "A birra que Ibrahim nutria por Teotônio fez com que ele instrufesse a censura para que afiasse a tesoura: "O filme foi mutilado em 10 minutos", conta Vladimir.

"As seqüências eram todas construídas para que terminasse com uma opinião cáustica de Teotônio. Era pancada no Delfim, pancada no Langoni, previsão de guerra civil, tudo cortado". Exatamente os pontos mais fortes do filme, apontados na reportagem da *Folha de S. Paulo*, é que foram censurados. "Era uma reportagem belíssima da *Folha*, pintando o filme como uma verdadeira bomba política", lembra Vladimir. "Não questiono a boa-fé da matéria, mas o que aconteceu é que no momento seguinte, quando fui atrás dos editores e diretores da *Folha* para denunciar o que a censura havia feito, eles simplesmente se fecharam. Botaram uma

50. Trabalhou no clássico *Aruanda*, de Linduarte Noronha, um predecessor do Cinema Novo, e logo depois realizou seu primeiro filme, *Romeiros da Guia* (será exibido hoje e amanhã), co-dirigido por João Ramiro Melo - hoje trabalhando no CPCE da UnB. Depois Vladimir foi para Salvador, onde se integrou ao cinema baiano de Glauber Rocha, Roberto Pires e Paulo Gil Soares. "Cheguei a escrever um roteiro com Caetano Veloso, que foi meu colega de faculdade, o qual nunca foi rodado. Chamava-se *A Terra do Homem* e tratava de uma revolta de camponeses contra senhores de terra".

Nessa época Vladimir trabalhou também como assistente de Eduardo Coutinho na primeira etapa das filmagens de *Cabra Marcado Para Morrer*, que teve a produção interrompida pelo golpe militar. "Fomos perseguidos como subversivos. Coutinho foi preso e eu fugi com uma identidade falsa, me refugiando em uma fazenda de Campina Grande. Diziam que a equipe do filme ia eliminar vários delegados do interior para fazer uma revolução. Estavam tão alucinados que nos chamavam de *os cubanos*".

Acalmados os ânimos, Vladimir foi procurar trabalho no Rio de Janeiro. Foi repórter do *Diário de Notícias* e fez assistência para Arnaldo Jabor e Olney São Paulo. Voltou à Paraíba em 1966/1967 para realizar *A Bolandeira* e começar *O País de São Saruê*, seu primeiro longa, apreendido pela censura em pleno Festival de Cinema de Brasília, em 1971. "Disseram que o filme era lesivo aos interesses e à dignidade nacional. Chegaram a me propor que eu incluísse umas imagens do presidente Médici fazendo discursos eloquentes para que o filme fosse liberado", lembra Vladimir Carvalho.

Brasília - Em 1970 Vladimir foi convidado a dar aulas na UnB e realizou com os alunos o curta *Vestibular 70* (programado para a mostra). Depois voltaria esporadicamente ao Nordeste para pequenas filmagens - *Pedra da Riqueza*, *Incelência Para Um Trem de Ferro* - até que na virada de 1979/1980 daria outro mergulho profundo no Nordeste para realizar *O Homem de Areia*, documentário sobre a Revolução de 30 baseado na atuação de José Américo de Almeida.

Seguiram-se os curtas *Brasília Segundo Feldman* (programado para a mostra) e *Perseguidos*, sendo que *Conterrâneos Velhos de Guerra* àquela altura já consumia esforços do cineasta. Em 1985 foi a vez da história de Teotônio (veja box) ser enquadrada pela objetiva de Vladimir, que depois realizaria ainda os curtas *Paisagem Natural* - uma das partes do filme *Brasília, A Última Utopia*, que será exibido de 10 a 16 de setembro no Cine Brasília - e *No Galope da Viola*, uma homenagem aos cantadores nordestinos e à poesia de cordel.

Programação

■ 3 e 4/09 — Segunda e terça-feira:

A Bolandeira — rodado em 1967, em preto-e-branco, mostra as desvantagens encontradas pelos pequenos engenhos puxados a boi da região sertaneja da Paraíba frente aos grandes engenhos movidos a motor de explosão. Mostra o processo de fabricação da rapadura, do corte da cana à venda nas feiras livres do interior.

Vestibular 70 — rodado em 1970, em preto-e-branco, faz uma reflexão sobre os exames vestibulares, sublinhando a tensão durante a realização das provas. São seis mil estudantes disputando as mil vagas oferecidas pela UnB naquele ano, numa verdadeira batalha movida pela cadência dos avisos dos alto-falantes.

Vila Boa de Coyaz — rodado em 1974, em cores, é um ensaio sobre o barroco goiano representado pela antiga capital do estado. O estilo colonial está na arquitetura dos casarões e velhas igrejas além dos hábitos e costumes do povo. Uma poetiza, uma pintora e um mestre de um auto popular narram o filme.

Romeiros da Guia — primeiro filme de Vladimir, rodado em 1961, em preto-e-branco para o Instituto Nacional do Cinema Educativo. Codirigido por João Ramiro Melo, é resultado da experiência dele e de Vladimir como assistentes

de Linduarte Noronha em Aruanda, um dos precursores do Cinema Novo.

Brasília Segundo Feldman — realizado em 1979, em cores, narra a trajetória de Teotônio Vilela do sertão nordestino ao Congresso Nacional, lembrando seus tempos de menino de engenho, boiadeiro, usineiro e político. São tocadas suas últimas palavras, gravadas dias antes de sua morte, quando já estava bastante debilitado pelo câncer.

■ 5 a 9/09 — quarta a domingo:

O Evangelho Segundo Teotônio — rodado em 1985, em cores, narra a trajetória de Teotônio Vilela do sertão nordestino ao Congresso Nacional, lembrando seus tempos de menino de engenho, boiadeiro, usineiro e político. São tocadas suas últimas palavras, gravadas dias antes de sua morte, quando já estava bastante debilitado pelo câncer.

■ As sessões são às 21h30h, no Cine Brasília (EQS 106/7).

A programação divulgada pela Fundação, tem um erro, já que ao invés do filme *Quilombo*, será exibido, na verdade, o filme *Romeiros da Guia*.

pedra na história e jamais voltaram a falar do filme, fosse para criticar ou para elogiar".

Foram quatro meses de périplos pelos corredores da Polícia Federal para finalmente liberar os trechos cortados. Daí, novo lançamento, só que sem reportagem na *Folha* ou grandes estardalhaços. "Já não havia como recuperar o tempo perdido porque você sabe, um filme é como um fósforo, só se risca uma vez", desabafa Vladimir que, ao mesmo tempo em que tira a poeira do passado, não

deixa de enxergar o presente, sua principal motivação para o relançamento do filme rodado em 1985: "Hoje vivemos aqui uma política de terra arrasada. Incompreensivelmente, o Presidente da República ordenou uma degola das artes e da cultura, numa nítida represália contra aqueles que não apoiaram sua candidatura. Esquece-se que um país não se faz como um livro-caixa, numa contabilidade cretina onde se prioriza o dever e o haver". (César Mendes)

Teotônio no celulóide fez tremer o Abi Ackel

Em plena abertura política, rodar *O Evangelho Segundo Teotônio* e exibi-lo foi uma verdadeira odisséia para o cineasta Vladimir Carvalho. "Este filme só foi possível graças à intervenção de uma pessoa fantástica chamada Henfil, que além de ser um dos maiores humoristas brasileiros, conseguia ser uma pessoa extremamente generosa".

Vladimir conta que já estava desanimado com a falta de recursos, o filme parado na moviola, quando resolveu chamar Henfil para ver algumas seqüências já montadas. "Ele se apaixonou pelo filme de imediato e disse: "Vamos terminar". Vladimir contou-lhe que não tinha dinheiro e, conhecendo o namoro de Henfil com o Partido dos Trabalhadores, jogou verde para colher maduro: "Estou pensando inclusive em pedir ajuda ao PMDB".

O horror que Henfil nutria pelo PMDB falou mais alto e ele pediu uma semana para resolver a questão. Sete dias depois o telefone toca, Vladimir atende, é o Henfil na linha: "Olha, estou indo aí com o Teotônio Vilela Filho — filho de Teotônio, hoje senador pelo PSDB — que ele vai ver o filme". Dito e feito. Teotônio Filho bancou a finalização do filme e sua ampliação para 35 mm e Henfil ainda fez os letreiros.

O lançamento em São Paulo estava cerca-